

A RELEITURA DE FERDINAND DE SAUSSURE E A CONSTITUIÇÃO DO OBJETO DA LINGÜÍSTICA

Mônica Nóbrega
UFPB

RESUMO

A publicação de manuscritos de Ferdinand de Saussure e de alunos seus dos cursos de Lingüística Geral, iniciada por Robert Godel em 1954, permitiu, entre outras coisas, à lingüística, a rediscussão de temas antes considerados ultrapassados, completamente fora do foco de interesse dessa ciência. Entre estes temas, parece-nos fundamental pensar a constituição do objeto da lingüística, através da discussão da escolha de Saussure pela língua e da conseqüente exclusão da fala. Tal leitura excludente será questionada neste artigo, com base em estudos feitos por dois dos maiores estudiosos de Saussure: Robert Godel e Simon Bouquet.

Palavras-chaves: Releitura de Saussure, língua, fala.

INTRODUÇÃO

Tudo em lingüística, como bem o disse Emile Benveniste (1989), procede da questão colocada por Saussure, no Curso de Lingüística Geral, sobre qual seria o objeto ao mesmo tempo integral e concreto desta ciência. A resposta a tal questão está na base das discussões em lingüística, já que representou, com Saussure, a caracterização do que se conhece por ciência lingüística. Muitos lingüistas (entre eles o próprio Benveniste) consideram que Saussure, apesar das dificuldades, conseguiu estabelecer, para a lingüística, um objeto único, bem delimitado, homogêneo: a língua.

Entretanto, a partir de estudos feitos com base nos manuscritos de Ferdinand de Saussure e de seus alunos, por Robert Godel, e de trabalhos como os de Tullio de Mauro e Simon Bouquet, entendemos ser possível observar, nos estudos saussurianos, no movimento de fundação da lingüística enquanto ciência, a construção de um objeto que, longe de ser homogêneo, é, constitutivamente, heterogêneo, pois formado no movimento dialético das célebres dicotomias saussurianas. Este artigo, portanto, pretende colocar na mesa de discussão a tematização de um objeto que é, nas palavras de Simon Bouquet (1997: 71), “misterioso e irremediavelmente fugaz”, diferente do

que aparece na obra organizada por Bally e Sechehaye e perfeitamente observável nas notas de alunos e nos escritos de Saussure.

Começaremos pelo levantamento, sucinto, do contexto em que surge o que estamos chamando de possibilidade de releitura de Saussure ou, mais exatamente, do Curso de Linguística Geral. Passaremos, depois, à análise da dicotomia língua/fala à luz dos estudos de Robert Godel e Simon Bouquet.

I. CONTEXTO DE EDIÇÃO DO CLG

Sabe-se que o que é considerada a principal obra de Saussure (o CLG) não foi escrita por ele, mas por dois de seus alunos, Bally e Sechehaye¹, a partir de notas de aulas ministradas por Saussure nos três cursos de linguística geral, entre 1907 e 1911, em Genebra. A primeira publicação do CLG data de 1916, três anos após a morte do mestre. Obviamente, um tal empreendimento não poderia deixar de apresentar dificuldades. Entretanto, antes de apontá-las, é preciso reconhecer que a obra traz, sem sombra de dúvidas, noções e reflexões sobre as quais Saussure se deteve durante vários anos de sua vida. Ora, o fato de os alunos tentarem publicar as idéias do mestre, como já dissemos, trouxe problemas, de uma certa forma, óbvios, levando-se em conta as circunstâncias da publicação. Era preciso, antes de tudo, dar uma seqüência lógica às reflexões expostas nos três cursos de linguística geral. Os editores, como talvez qualquer um outro que tivesse o mesmo objetivo, formaram, então, o livro, colocando os assuntos na ordem que achavam, seria a mais clara. Não foi seguida, por exemplo, a ordem dos cursos, talvez porque os editores julgaram não expressar, esta ordem, a clareza e o fechamento que queriam dar às idéias do mestre. Além disso, acrescentaram comentários e esclarecimentos seus, aos pontos que consideravam obscuros. Portanto, o CLG, obra indispensável para a linguística, além de todas as vantagens, carrega pelo menos uma falha perversa, mas, talvez, contraditoriamente, indispensável à construção de qualquer obra: apresenta um pensamento que estava em andamento como obra já acabada. Nas palavras de Tullio de Mauro (1969: 118),

“em uma versão única, que se vê privada de lacunas, de incônciências, é inevitável que um pensamento vivo e em movimento, que se disse ainda incompleto e que estava aberto a novas soluções, fosse forçado, endurecido, modificado.”

¹ Bally e Sechehaye, embora tenham sido alunos de Saussure nos cursos de línguas clássicas (Grego, Sânscrito, entre outras) não foram alunos dos cursos de Linguística Geral que formam a base do CLG.

Foi bem depois da publicação do CLG que surgiram as primeiras dúvidas sobre a homogeneidade das suas teses. O impulso foi dado por um artigo de Benveniste (1988) sobre o arbitrário do signo, no qual é discutida uma possível contradição no CLG. Lucidi (apud Tullio de Mauro: op. cit, p. 117), em artigo publicado em 1950, diz que

“a interpretação de Benveniste estaria provavelmente fundada sob um equívoco (...) sob o fato de ele ter tomado a expressão ‘na realidade’ como uma expressão plenamente significativa e não como pleonasma que ela é”.

Havia, então, a necessidade da análise dos manuscritos.

A partir de 1954, Robert Godel começa a publicação de notas de alunos, relativas aos cursos de lingüística geral de Saussure, de manuscritos saussurianos inéditos e de outras fontes manuscritas, além de uma análise das fontes manuscritas do CLG. A descoberta e análise dos manuscritos permite, pois, que se tenha o que o CLG nega aos seus leitores, mesmo os mais atentos, a compreensão de um pensamento vivo, dialético, ou, ainda, a clareza de que, como afirma LOPES (1997: 52), Saussure não nos deixou uma ciência plenamente madura mas,

“idéias – quer dizer, clarões de luz, sementes para germinar, (...) um modelo, quer dizer, o esboço de um sistema axiomático que serve de quadro geral para definir um conjunto de procedimentos de análises e de descrição capazes de satisfazer aos axiomas de partida”.

É fácil observar que grande parte das leituras que se tem hoje, principalmente no Brasil, das noções saussurianas, segue a mesma proposta dos editores, ou seja, encerram o pensamento saussuriano em uma prisão e jogam sua chave no mar do esquecimento e da desvalorização, deixando, aos desatentos, a idéia de que, entre outras coisas, sua obra é, como o queriam os americanos, ingênuas.

As dicotomias saussurianas, segundo LOPES (op. cit.: 143), foram lidas como excludentes, como antinomias. Assim, “ficou em moda interpretar a sincronia, digamos, como excluente da diacronia, a langue como excluente da parole, e assim por diante (...)”. Assim o fizeram lingüistas brilhantes como Benveniste e Jakobson. Com as análises dos manuscritos, como já dissemos, ficou fácil observar que as dicotomias saussurianas, antes de serem vistas como unidades que estão separadas, nas quais uma de cada par deve ser parte das preocupações da lingüística, enquanto a outra é

colocada para fora da ciência da linguagem, como parece que podemos ler no CLG, devem ser analisadas dentro de uma lógica dialética na qual, por exemplo, a língua não pode existir senão pela sua contraparte que é a fala. Segundo o argumento, bastante consistente, de Edward Lopes, as dicotomias deveriam ser lidas segundo uma lógica, presente no próprio CLG, em que é a diferença que faz a identidade, ou melhor, diferença e identidade convivem, juntas, na construção do objeto da lingüística.

É neste contexto que discutiremos a relação língua/fala, na constituição do objeto da lingüística, usando as discussões feitas por Robert Godel e Simon Bouquet.

II. GODEL E A DICOTOMIA LÍNGUA/FALA

Segundo Godel (1969, p.143), bem antes dos cursos de lingüística geral,

“a reflexão de Saussure estava concentrada no fato social; a língua ou a linguagem, propriedade de toda comunidade humana, comparável, até um certo ponto, aos “usos e costumes”. É apenas por esta via, como ele o diz, que a linguagem é abordável pela ciência”².

Dessa forma, nas notas anteriores aos cursos, linguagem, língua e fala são utilizadas conforme o uso comum. Ou seja, linguagem designando língua em geral. No início do segundo curso, os dois termos estão, ainda, em co-ocorrência.

Nas notas, não há uma significação terminológica precisa para fala. Foram encontradas duas referências nas conferências feitas por Saussure, em 1891. Também não há, ainda, a separação entre língua e fala que será estabelecida nos três cursos de lingüística geral e formará a base para o CLG.

Entretanto, já havia, antes dos cursos, a preocupação, para Saussure, em separar o que era social e o que era particular, individual, ou, ainda, atos particulares de manifestações daquilo que é social. Pois, diferente de Whitney, que não via diferenças entre a linguagem e as outras instituições sociais,

“Saussure fundou sua concepção de língua sob uma análise abstrata do fenômeno da linguagem, que tenderia a libertar a

² As citações, em português, foram traduzidas por mim.

instituição social dos atos particulares que a manifestam; mais exatamente, a compreendê-la, de uma só vez, por seus caracteres internos, de preferência chegando ao termo de um estudo afastado dos fatos diretamente observáveis: o ato de fala, o circuito da comunicação” (Godel, op. cit.: 144).

A distinção entre sincronia e diacronia foi importante para a generalização, ou melhor, para passar das *línguas*, instituições próprias a tais pessoas em tais momentos de sua história, para a linguagem, à *língua*, objeto último da lingüística.

Godel apresenta a separação língua/fala não como um dado claro, absoluto, nos estudos saussurianos, mas como uma dificuldade. Na página 153 (op. cit.), por exemplo, ele diz:

“Vimos que ele [Saussure] tenderia a separar radicalmente da língua, fato psíquico e social, o fato fisiológico e individual que ele chama, de bom grado, execução, meio de produção do signo. A oposição da língua e da faculdade de linguagem não se prestaria senão a condição de dar a esta última o sentido fisiológico ou psíquico-fisiológico que sugere o texto de número 6 e que supõe, ainda, a passagem do curso III que examinaremos. (...) Opor, por outro lado, a faculdade e sua realização, a fala, não simplifica o problema: ora, a fala é, também, o discurso, que não é apenas execução do signo; mas desde que sejam considerados os diversos elementos, arrisca-se invadir o domínio da língua”.

Percebemos que a ênfase na distinção entre língua e fala é, essencialmente, baseada na questão do social e do individual. Para Saussure, parece estar claro que nenhum fenômeno pode ser considerado lingüístico se for produto individual, não sendo importante, portanto, se é parte da língua ou da fala. Nos escritos do primeiro curso, como veremos adiante, por exemplo, ele chegou a considerar a fala como social. Obviamente, a fala, como produto da língua, não pode ser considerada como estando fora da lingüística, o que pode não significar, como vem sendo feito com relação a esta separação feita por Saussure, que se possa considerar a língua como uma abstração completa, sem a fala, o que formaria, para a lingüística, como o disse Edward Lopes (op. cit.), um objeto completamente “inatingível”, absurdo. Parece que é este o objeto que tem sido dito como sendo o escolhido por Saussure.

A preocupação em separar um fato individual de um social é, como o aponta Godel, antiga em Saussure, mesmo antes do primeiro curso, em termos

um pouco diferentes, Godel (op. cit.: p. 148) encontra uma nota acerca disto em que Saussure diz:

“A natureza nos dá o homem organizado para a linguagem articulada, mas sem linguagem articulada. A linguagem é um fato social. O indivíduo, organizado para falar, não chegará a utilizar seu aparelho senão para a comunidade que o cerca – ou melhor, ele não tem a necessidade de utilizá-lo senão nas suas relações com ela”.

Godel comenta que, para Saussure, a capacidade de linguagem não depende dos órgãos da voz, mas da capacidade de entender e empregar os signos, “de formar associações independentes das relações naturais das coisas” (ibidem: idem). Portanto, Saussure separa (e o faz antes e durante os cursos II e III) bem a capacidade da linguagem da aptidão para proferir sons. Godel ainda diz que se cada indivíduo improvisasse os signos individualmente, sem nenhum caráter social, segundo as necessidades do momento, não haveria razão para existir uma ciência da linguagem, diferente da psicologia. Portanto, “natural ou adquirida, a faculdade de linguagem não é senão para o lingüista a condição necessária para a instituição e a via de uma *língua*” (ibidem: idem – grifo do autor). Portanto, língua e faculdade de linguagem são estreitamente solidárias.

Vejam, então, como aparece, nos cursos de lingüística geral, ministrados por Saussure, a relação língua/fala. No primeiro curso, Saussure mostra que há uma relação de constante interdependência entre língua e fala. Segundo ele (apud Godel, op. cit.: p. 145),

“se é verdade que temos, sempre, necessidade do tesouro da língua, para falar, reciprocamente, tudo que entra na língua, foi, a princípio, experimentado na fala, um número de vezes suficientes para que resulte em um impressão durável; a língua não é senão a consagração do que teria sido evocado pela fala”.

Outro trecho ainda mais claro:

“Se tudo o que se produz de novo é criado por ocasião do discurso, quer dizer, ao mesmo tempo, que é do lado social da linguagem que tudo se passa. Por outro lado, será suficiente tomar a soma dos tesouros de línguas individuais para ter a língua. Tudo o que se considere, de fato, na esfera interior do indivíduo é sempre social, pois nada teria penetrado se não fosse, a princípio,

consagrado pelo uso todos na esfera exterior da fala” (Godel, op. cit.: pp. 145-146).

No terceiro curso, no início da lição de 28 de abril, Saussure cre resolve a dificuldade, dando à fala uma definição mais explícita e mais analítica. Por meio de um esquema, ele dirá que a fala é a parte ativa e individual da linguagem, enquanto que a língua é sua parte passiva, que reside na coletividade. Godel diz não ser, a este respeito, conveniente insistir muito sobre a diferença entre operação consciente e inconsciente. “Entenda-se, então, *passivo* no sentido de *não criativo*; neste sentido, a compreensão é passiva” (op. cit.: p. 154 – grifos do autor). Ou seja, no sentido de que só há mudança e criação possível na fala e não na língua, já que esta última está na condição de tesouro coletivo.

Sobre este aspecto da fala como lugar das mudanças possíveis, Godel mostra que há, no CLG, o reconhecimento dessa concepção de fala, mostrada por Saussure, quando, em uma passagem do segundo capítulo, está dito que as mudanças acontecem na fala não na língua, mas que só se considera para o estudo lingüístico a parte da linguagem que já é fruto de uma coletividade, ou seja, a mudança quando já assimilada pela coletividade.

Mesmo reconhecendo que Saussure tenha feito a separação entre língua e fala, Godel (op. cit.: p.155) enfatiza a relação de interdependência entre esses dois elementos, dizendo que “foi reconhecido, no entanto, que entre a instituição e o ato individual a relação é bilateral: a fala não é senão “o uso individual do código da língua”, mas o depósito armazenado no cérebro provém, a seu turno, da fala”. Para defender o seu ponto de vista, recorre ao próprio Saussure (apud Godel, *ibidem*: *idem*), no trecho em que diz que:

“1º não há nada na língua que não entre (direta ou indiretamente) através da fala percebida (D/ ... pela soma das falas percebidas, S). Reciprocamente, não há fala possível senão graças à elaboração do produto que se chama língua, e que fornece ao indivíduo os elementos com os quais ele pode compor sua fala (D/ não há fala possível senão graças à língua). 2º É papel da inteligência coletiva elaborar e fixar este produto (DS). Tudo o que é língua é implicitamente coletivo (S). Dizer que uma palavra “entra na língua”, é dizer que foi reconhecida a aprovação coletiva (D). Mas, não há fala coletiva. Os atos de fala são individuais e momentâneos (D e S)”.

Godel (op. cit.: p. 157) lembrará, também, a propósito da idéia de língua enquanto sistema, que “se a língua é um sistema, ela o deve ser tanto sob seu aspecto coletivo quanto nas suas variedades individuais...”.

Conclui, então, dizendo que o que se pode criticar em Saussure é o fato de não ter tirado todas as conseqüências (e ele se pergunta: mas ele teve tempo?) da última noção de fala (aquela através da qual se dão as mudanças, parte da linguagem ligada à língua de forma radical) e de não ter, assim, separado da língua apenas a noção de fala enquanto execução fonatória.

Resumindo, podemos ver, com Godel, que desde sempre, estava colocada, para Saussure, a preocupação que aparece, sob forma de pergunta, no início do capítulo do CLG, ou seja, qual seria o objeto da lingüística. Com relação à separação língua/ fala, parece-nos que surge, primeiro, a necessidade de pensar um objeto que tenha um caráter coletivo e não individual. Esta necessidade parece ter sido levada a cabo, por Saussure, pensando uma possível diferença entre língua e fala. Diferença que, como vimos, nunca esteve completamente resolvida para o mestre genebrino. Entretanto, pareceu a Godel que as anotações do último curso levam a crer em uma relação dialética, inseparável, entre língua e fala, na possibilidade da fala enquanto lugar de mudanças e, se há algum tipo de exclusão, no objeto da lingüística, seria a da fala enquanto pura execução fonatória.

III. A EXCLUSÃO DA FALA, DA CIÊNCIA LINGÜÍSTICA, E A NOÇÃO DE VALOR SEMÂNTICO

Bouquet (1997), em texto no qual trabalha a noção de valor semântico, baseado nas quatro últimas lições de Saussure, em 1911, sente a necessidade de fazer alguns comentários acerca da separação língua e fala, já que mostra que o valor semântico coordena dois fatos complexos, um **valor *in absentia*** (que corresponde, segundo ele, à teoria do valor e à do arbitrário do signo lingüístico) e um **valor *in praesentia*** (que associa, ao arbitrário da língua, o valor do fato sintagmático). Este duplo caráter do valor sendo mostrado por Saussure, na lição de 30 de junho de 1911, como formado por relações irreduzíveis e, ambas, operantes. Nesta mesma lição, Saussure, segundo Bouquet, apresenta as duas noções de valor assimiladas à oposição língua/ fala, da seguinte forma:

Relações de valor *in absentia* ⇒ língua

Relações de valor *in praesentia* ⇒ fala

Desta relação, surge um questionamento, fundamental para a idéia de valor semântico, desenvolvida por Godel e para a nossa discussão, ou seja, se a fala está fora dos estudos lingüísticos, como ficaria o valor *in praesentia*, ou

o estudo das relações sintagmáticas? Estariam, eles, também, fora do objeto de estudo da lingüística?

Bouquet defende que estudar o valor, no conjunto dos escritos saussurianos, separando as suas duas faces, é acabar com a teoria do valor. Assim também pensará da separação entre língua e fala, ou melhor, da exclusão da fala do objeto da lingüística. Vejamos como ele discute, especificamente, a distinção língua/ fala.

Começa sua discussão lembrando que, nos manuscritos, sempre que tal separação é colocada por Saussure, há, ao mesmo tempo, o cuidado, de Saussure, em mostrar que essa é uma separação problemática. Mostra-nos isto através de um trecho de notas das últimas aulas de Saussure (apud Bouquet, op. cit.: p.: 336-337)³

Mais restrição: pode-se separar, a este ponto, os fatos de fala dos fatos de língua? Assim, uma série gramatical está na língua – toda ela está bem fixada em um estado, dado na língua. Mas, há sempre este elemento individual que é a combinação, deixada à escolha de cada um, para exprimir seu pensamento em uma frase. Esta combinação está na fala, não na língua, então, é uma execução. Essa parte – o uso individual do código da língua – levanta uma questão. Não é senão na sintaxe, em resumo, que se apresentará uma certa flutuação entre o que está dado, fixado na língua, e o que é deixado à iniciativa individual. A delimitação é difícil de ser feita. É necessário reconhecer que, aqui, no domínio da sintaxe, fato social e fato individual, execução e associação fixa, se misturam um pouco, chegam a se misturar mais ou menos. Nós reconhecemos que é sob esta fronteira, apenas, que se pode voltar a falar em uma separação entre a língua e a fala”.

Podemos perceber, neste trecho, entre outras coisas, tanto a relação entre as relações sintagmáticas e a fala, conforme mostramos acima, quanto a inquietação de Saussure com relação à separação entre língua e fala.

Ocorre que o CLG, em não apresentando essa separação como problemática, mas de forma definitiva, fixa os termos de um pensamento que, segundo Bouquet (op. cit.), não se pode apreender como um todo e, mais que isto, oculta o testemunho desta inapreensão.

Bouquet considera o problema tomando como ponto de partida a ambigüidade terminológica. Ou seja, há, em Saussure, pelo menos duas

³ Assim como foi feito com relação à obra de Godel, as citações, em português, são tradução minha.

acepções do termo fala: 1) fato fonológico, ligado à execução de um ato de linguagem, e 2) fato lógico-gramatical, ligado à execução de um ato de linguagem como compondo uma pluralidade de signos. Neste caso, o conceito é correlativo ao de língua, um fato social.

Como vimos com Godel, mais acima, se há algo a ser excluído dos estudos lingüísticos, seria não a fala como fato social (conceito presente nas reflexões de Saussure), mas a noção de fala enquanto, exclusivamente, um fato fonológico. Bouquet, embora não o diga, parece também concordar com esta tese, já que passa a falar apenas do segundo conceito de fala por ele apresentado, aquele da fala como correlato da língua no que se refere a ser um fato social.

Ele analisa, nos estudos de Saussure, esse segundo conceito de fala em dois momentos. Em um primeiro momento, então, uma noção metafísica de “língua” é criada, fundada sob o “signo” fonológico. Neste caso, a face semântica da linguagem estaria relacionada a uma teoria dos termos, independente de uma teoria das posições, ou seja, uma teoria sintática. Em um segundo momento, o conceito metafísico de “língua” reage sob a noção metafísica clássica de linguagem que remete à uma sintaxe ou uma teoria posicional e à articulação desta teoria com uma teoria da natureza das proposições (lógica, em termos tradicionais).

Foi para fixar este segundo momento que, segundo Bouquet (op. cit), Saussure introduziu o conceito de fala como oposto e correlativo ao de língua, como recobrando uma realidade léxico-gramatical. É assim que sintaxe e léxico, para Bouquet (op. cit.: p. 339), na teoria saussuriana, “não apenas estão indissolúvelmente ligados mas, ainda, são os planos gerativos simultâneos do fato semântico de uma língua”. Assim, também, é que se pode ver, na sua reflexão, que a língua não poderia estar reduzida a um tesouro de signo (que ele relaciona ao léxico), pois a lingüística estática requer, segundo definição dada por um dos alunos de Saussure (Riedlinger), a inclusão de uma teoria das partes do discurso, ou seja, uma teoria sintagmática, ou, ainda, a fala. Portanto, Bouquet critica a separação língua e fala com base em três argumentos que resumiremos a seguir.

Em primeiro lugar, as entidades abstratas, colocadas por Saussure como entidades da língua, não podem ser descritas, segundo ele, senão no estudo da fala. Segundo argumento: há um princípio de organização homogêneo tanto para as unidades que formam a palavra quanto para a relação entre as palavras em uma frase. Por fim, Bouquet (op. cit.) argumenta que há relações sintagmáticas *in absentia*. Ou seja, há sintagmas ligados *in absentia* aos itens lexicais. É assim que, por exemplo, a uma palavra como **ensinamento** pode ser, naturalmente, associado um sintagma do tipo: o

ensinamento é a transmissão de conhecimento a um aluno. É assim que Bouquet (op. cit.: p.344) diz que

“da mesma forma que um item lexical está ligado a todos os outros itens de uma língua, ele também está em relação, de diversas maneiras, com todos os sintagmas virtuais dos quais ele pode fazer parte – ou seja, acima de tudo, a fala da qual ele pode fazer parte”.

Termina a discussão, defendendo que o programa saussuriano, através do conceito de valor *in praesentia*, desenha o programa de lingüísticas como as teorias da competência sintática, da pragmática lingüística ou da análise de discurso, que trabalham com a “fala”. Consideração importante que será retomada, a seguir, nas considerações finais.

IV. CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

O CLG, ao mesmo tempo em que permite que as idéias de Saussure sobre a lingüística sejam divulgadas, coloca-as sob uma “camisa de força”, ao impingir-lhes um limite, uma conclusão, uma idéia de fechamento que não lhes eram próprias, já que não eram, dessa forma, vistas pelo próprio Saussure. É neste contexto que surge a idéia, bastante divulgada pela lingüística, de que há, para esta ciência, um objeto homogêneo, fechado, que exclui qualquer contato com teorias que tratem da fala ou do discurso.

Entretanto, procuramos mostrar, através das análises das fontes manuscritas, feitas por estudiosos como Robert Godel e Simon Bouquet, que o objeto pensado por Saussure, para a lingüística, pode não ser a língua como elemento excludente da fala. Que Saussure tenha tido a preocupação em separar o que é social, do que é estritamente individual, parece não haver dúvida. Que, em alguns momentos, ele tenha feito distinção entre língua e fala, também parece ser aceito pelos autores estudados. Entretanto, o que pudemos observar nos estudos citados, foi a impossibilidade de excluir do objeto da lingüística a fala enquanto objeto de realização das possibilidades da língua, lugar de possíveis mudanças/transformações que serão (ou não) consolidadas na língua. A única possibilidade de exclusão da fala do objeto da lingüística está apontada por Godel como sendo aquela em que ela era considerada por Saussure apenas como realidade acústica.

Podemos, então, a partir dessas leituras, pensar que objeto da lingüística, muito longe de excluir a fala da sua constituição, está formado por

duas faces, inseparáveis, embora distintas, que nele existem de forma dialética: língua/fala.

A primeira consequência deste “novo objeto” é apontada por Bouquet (op. cit.), quando diz que as reflexões de Saussure sobre língua e fala, quando consideradas, como o estamos fazendo, fora da perspectiva da exclusão desta última, fornece a base para teorias como a Análise de Discurso, antes excluída da lingüística, ou, quando aceita, permitida, talvez, dentro do que o CLG denominou “lingüística da fala”.

É preciso dizer, ainda, que entendemos que a discussão do objeto da lingüística não se encerra na dicotomia língua/fala. Na verdade, tal objeto pode ser ainda melhor compreendido quando considerado na relação que as dicotomias saussurianas estabelecem umas com as outras. Na releitura do CLG, como o estamos fazendo, à luz de estudos desenvolvidos desde a metade do século passado, podemos perceber, com alguma clareza, que há, nas reflexões saussurianas, um ponto nuclear, para o qual convergem todas as dicotomias: a idéia da língua enquanto sistema. Deixamos claro, portanto, que se falamos apenas acerca da dicotomia língua/fala isto deveu-se à limitação imposta pela natureza do trabalho que empreendemos.

REFERÊNCIAS

- BENVENISTE (1988). “Natureza do signo lingüístico”. In: *Problemas de lingüística geral I*. Trad. bras. Maria da Glória Novak e Maria-Luiza Neri. 2ª ed. São Paulo: Pontes, pp. 53-67.
- BENVENISTE (1989). “Semiologia da língua”. In: *Problemas de lingüística geral II*. Trad. bras. Marco Antônio Escobar. São Paulo: Pontes, pp. 43-67.
- BOUQUET, Simon (1997). *Introduction à la lecture de Saussure*. Paris: Éditions Payot e Rivages.
- DE MAURO, Tullio (1967). “Notes”. In: Saussure, Ferdinand. *Cours de linguistique générale*. Paris: Payot e Rivages, pp.405-477.
- DE MAURO, Tullio (1969). *Une introduction a la sémantique*. Paris: Payot.
- GODEL, Robert (1969). *Les sources manuscrites du cours de linguistique générale de F. de Saussure*. 2ª ed. Genebra: Librairie Droz S. A.
- LOPES, Edward (1997). *A identidade e a diferença*. São Paulo: Edusp.
- SAUSSURE, Ferdinand (1996). *Curso de lingüística geral*. Trad. bras. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 19ª ed. São Paulo: Cultrix.